



## ESTADOS UNIDOS

# Sob pressão, Biden confirma candidatura

Em comício na Carolina do Norte, presidente democrata reconhece que não debate tão bem quanto antes, mas sabe “como dizer a verdade”. Desempenho desastroso no duelo contra Trump suscitou a hipótese de desistência da reeleição

» RODRIGO CRAVEIRO

Alisson Joyce/Getty Images/AFP



Joe Biden discursa na Carolina do Norte: “Sei como fazer esse trabalho”



Donald Trump: “Eu realmente não acredito” na desistência de Biden

Não parecia nem a sombra do homem acuado, hesitante, com falhas de raciocínio e frases desconexas ou incompletas. Depois de o desempenho desastroso no debate de quinta-feira, em Atlanta (Geórgia), ativar o modo pânico entre os correligionários do Partido Democrata, Joe Biden, 81 anos, resistiu às pressões para abandonar os planos de reeleição. Um dos principais jornais dos EUA, o *The New York Times*, publicou editorial, ontem, sob o título “Para servir este país, o presidente Biden deveria deixar a corrida”. “O presidente apareceu, na noite de quinta-feira, como a sombra de um grande servidor público. Ele se esforçou para explicar o que realizaria em um segundo mandato. Ele lutou para responder às provocações do senhor (Donald) Trump. (...) Mais de uma vez, ele se esforçou para chegar ao fim de uma frase.”

No dia seguinte ao debate, durante comício na Carolina do Norte, o presidente tentou transmitir confiança. “Sei que não sou mais um jovem. Não caminho com tanta facilidade, não falo com tanta fluidez, não debato tão bem quanto antes, mas sei o que sei: como dizer a verdade”,

declarou. “Dou a vocês minha palavra. Não voltaria a me candidatar se não acreditasse, com todo o meu coração e minha alma, que posso fazer esse trabalho.”

Biden disse saber a distinção entre o bem e o mal. “Sei como fazer esse trabalho. (...) Sei que, quando o derrubam, você volta a levantar”, acrescentou o

democrata. Mais do que um discurso voltado aos simpatizantes, as palavras do presidente tiveram o objetivo de aplacar a desconfiança dos próprios estrategistas da campanha democrata.

Em Nova York, Biden e o cantor britânico Elton John inauguraram um monumento em alusão ao 55º aniversário

dos tumultos provocados pela invasão policial ao Stonewall II, um bar LGBTQIAPN+. O incidente marca o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+.

O republicano e ex-presidente Donald Trump, 78, seu potencial adversário nas eleições de 5 de novembro, afirmou não crer em uma desistência de Biden e

celebrou uma “grande vitória” no debate. “Muitas pessoas dizem que, após a performance da noite passada, Joe Biden está saindo da disputa. Mas a verdade é que eu realmente não acredito nisso”, declarou, durante um comício na Virgínia. “Apesar de o corrupto Biden ter passado a semana inteira em Camp David

descansando, trabalhando, estudando — ele estudou muito. Ele estudou tanto que não sabia o que diabos estava fazendo”, ironizou Trump.

Robert Matthew Howard, professor de ciência política da Universidade Estadual da Geórgia, em Atlanta, acredita que o pânico instalado entre os democratas está associado à idade de Biden e ao fato de que muitos formuladores de decisão, dentro do partido, estão profundamente influenciados por publicações, como o *NY Times*, que tornaram a questão etária algo grande. “Nenhum republicano criticou Trump, que, na melhor das hipóteses, mostrou algum declínio cognitivo”, disse ao *Correio*.

“Seria o caos se Biden se retirasse. A última vez que isso ocorreu foi em 1968. Isso resultou em uma Convenção Nacional Divisiva e rachada entre Hubert Humphrey, vice de Lyndon Johnson, e os simpatizantes de Robert Kennedy, principalmente em relação à Guerra do Vietnã”, advertiu. Cerca de 48 milhões de telespectadores assistiram ao debate. Pesquisa do instituto YouGov mostra que 49% dos americanos creem que Biden deveria ser substituído. Outra sondagem, da TV CNN, indica que 67% acham que Trump venceu o debate.

## Suprema Corte limita lei contra invasores do Capitólio

A Suprema Corte dos Estados Unidos limitou o campo de ação de uma lei utilizada contra os apoiadores do ex-presidente Donald Trump que invadiram o Capitólio em 6 de janeiro de 2021, ao anular uma acusação contra um deles. A decisão pode provocar consequências indiretas no julgamento federal

contra Trump, por supostamente ter tentado alterar o resultado das eleições de 2020, que o atual presidente do país, Joe Biden, ganhou, já que esta é uma das acusações que pesa contra ele.

O julgamento do republicano está suspenso, aguardando que a Suprema Corte do país se pronuncie sobre a imunidade

penal que o ex-presidente reivindica. A decisão se concentra em saber se a acusação de obstrução de um procedimento oficial se aplica ao ataque ao Capitólio, ou seja, a tentativa de impedir que o Congresso validasse os resultados das eleições. O tribunal, por uma maioria de seis votos a três,

considera que a lei não pode ser aplicada ao ex-policial Joseph Fischer pelo que fez em 6 de janeiro de 2021.

Para provar que a lei foi violada nesse caso, a acusação deve “estabelecer que o réu comprometeu a disponibilidade ou a integridade de registros, documentos ou objetos destinados a

serem utilizados em um processo oficial”, escreveu o presidente da Suprema Corte, John Roberts, em nome da maioria. A juíza conservadora Amy Coney Barrett e dois colegas progressistas discordaram de Roberts. Barrett acredita que essas são “contorções semânticas” para dar à lei uma interpretação mais restritiva

do que, segundo ela, pretendia o Congresso.

O procurador-geral Merrick Garland lamentou a decisão, que “limita uma importante lei federal” usada por seus serviços para responsabilizar os principais autores do “ataque sem precedentes” ao sistema institucional, em 6 de janeiro de 2021.

### Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## Um golpe furado e três eleições

Continuará sob investigação e análise, nos próximos dias, a obscura e confusa tentativa de golpe de Estado da última quarta-feira, na Bolívia. Em meio a cenas inusitadas, como a ríspida interpelação do general que comandava a intenciona pelo presidente Luis Arce, em pleno palácio, ou a entrevista coletiva dada pelo oficial em um quartel, antes de ser preso, as perguntas se amontoam. Entre elas: quem esteve por trás da quartelada — e com qual propósito?

O general Juan José Zúñiga afirma que marchou para o palácio atendendo ao próprio presidente. Arce teria pedido ajuda em um “período difícil”, com popularidade em queda. Até as vésperas, Zúñiga comandava o Exército. Tinha sido destituído depois de ameaçar de prisão o ex-presidente Evo Morales, caso viesse a ser candidato a um novo mandato na eleição prevista para o ano que vem.

Golpe ou “autogolpe”, como se costuma dizer, o caso é que o general saiu da aventura sozinho, sem adesões entre o comando e a tropa. Nem por isso, no entanto, a situação no país é tranquila. Tensões acumuladas desde a deposição de Morales, em 2019, seguem alimentando instabilidade política.

### Racha governista

Os impasses começam pelo próprio campo governista, de esquerda. Arce foi ministro da Economia no governo de Evo. Foi eleito em 2020, com clara maioria, e abriu caminho para que o antecessor e padrinho político voltasse do exílio. Os dois acabaram rompidos depois que o Movimento ao Socialismo (MAS) escolheu o ex-presidente como líder e candidato à Presidência em 2025. Arce, decidido a tentar a reeleição, rompeu com o partido.

As desavenças na esquerda jogam água no moinho da oposição de direita, que tem como núcleo social e político a elite econômica da região de Santa Cruz, vizinha ao Brasil. Os líderes cruenhos desafiaram constantemente Evo Morales durante seu governo (2006-2019). Observam até aqui uma tensa trégua com Arce, mas têm na mira deslocar o MAS e seu bloco do governo na próxima eleição — ou antes, se a ocasião se apresentar.

### É sempre mais embaixo

A política econômica mais pragmática e de aproximação com o mercado é

um dos ingredientes na disputa do presidente com o ex-aliado. Mas, na Bolívia, o pano de fundo — e é de profundidade que se trata — tem sido, historicamente, a estratégia de exploração dos recursos do subsolo.

Em meados do século passado, os mineiros formaram a coluna vertebral de uma revolução que resultou na nacionalização das minas de estanho. Sobreveio um longo período em que se sucederam golpes e ditaduras militares. Na virada para os anos 2000, os interesses econômicos conflitantes se concentravam no gás natural, e as turbulências persistiam.

Agora, com o mundo em transição para a economia pós-carbono, a chave para o desenvolvimento da Bolívia está nas ricas jazidas de lítio, metal raro e essencial para a nova geração de baterias elétricas. O modelo a ser definido para a extração e exportação do recurso, incluindo (ou não) algum grau de benefício local, traça as linhas que diferenciam as forças políticas no país.

E, naturalmente, o lítio atira interesses externos, que vão do bilionário Elon Musk, dono da Tesla, até a China, que se expande pelo mundo na disputa pelo mercado dos carros elétricos.

### Junto e misturado

Disputas entre setores nacionalistas e liberais em torno dos minérios estratégicos — o que inclui as reservas brasileiras de nióbio — desenrolam-se na América Latina e na África. E se entrelaçam com outra contenda eleitoral, mais próxima, que acaba de viver seu primeiro round. A campanha pela Casa Branca foi aberta, na prática, com o debate inaugural entre o presidente Joe Biden e o magnata republicano Donald Trump.

A pouco mais de quatro meses para a votação, o comando do Partido Democrata acende o alerta máximo, abatido pelo desempenho sofrível do candidato à reeleição. A dimensão da crise pode ser medida pelo simples fato de que entrou em debate a possibilidade de uma troca na chapa. Embora pouquíssimo provável, a primeira vista, a ideia de retirar Biden do páreo reforça, por si, um favoritismo que Trump esboça nas pesquisas de opinião.

Além de ter adotado uma política de guerra comercial com a China, durante seu governo, o ex-presidente republicano tem Elon Musk como amigo e apoiador.

### Ao voto, cidadãos

É com a expectativa de elevada participação que os franceses vão às urnas

amanhã, em eleições legislativas antecipadas pelo presidente Emmanuel Macron. Derrotado de maneira categórica pela extrema direita na votação para o Parlamento Europeu, no início de junho, Macron apostou as fichas em um tira-teima no qual colocou em jogo a própria governabilidade.

A França tem um sistema presidencialista “misto”, em que os assuntos domésticos de governo cabem ao primeiro-ministro e seu gabinete. O chefe de Estado define a política externa e de defesa. O socialista François Mitterrand e o direitista Jacques Chirac tiveram de “coabitar” com premiês do campo político oposto em parte do mandato. As pesquisas indicam que Macron poderá ter de repetir a experiência com a ultradireitista Reunião Nacional.

Nas últimas pesquisas, ela aparece com cerca de um terço das intenções de voto, seguida por uma frente de esquerda (20%) e pelo bloco do presidente (16%). O sistema eleitoral francês, 100% distrital, prevê segundo turno, no domingo seguinte. Alianças e trocas de apoio serão determinantes na futura composição da Assembleia Nacional.

Todos os campos políticos investem no comparecimento maciço do eleitorado, parafraseando o verso célebre da Marselhesa. Agora, o chamado é: “As urnas, cidadãos!”